

Sobre a Autoridade

Friedrich Engels

1873

Fonte: [The Marxists Internet Archive](#)

Alguns socialistas abrírom, nestes últimos tempos, umha campanha em regra contra aquilo a que chamam o princípio da autoridade. Basta dizer-lhes que este ou aquele acto é autoritário para que o condenem. Abusam de tal modo desta maneira sumária de proceder que é preciso examinarmos a cousa mais atentamente. Autoridade, no sentido próprio da palavra, quer dizer: imposiçom da vontade de outrem sobre a nossa; e, por outro lado, autoridade supom subordinaçom. Ora, na medida em que estas duas palavras soam mal e que a relaçom que representam é desagradável para a parte subordinada, trata-se de saber se há meio de passar sem elas e se - dado as actuais condiçoms da sociedade - poderemos dar à vida um outro estado social no qual essa autoridade nom tenha mais razom de existir e onde, por conseguinte, deva desaparecer. Examinando as condiçoms económicas, industriais e agrícolas que estám na base da actual sociedade burguesa, verificamos que tendem a substituir cada vez mais a açom isolada pola açom combinada dos indivíduos. A indústria moderna substituiu as pequenas oficinas de produtores isolados polas grandes fábricas e oficinas onde centenas de operários vigiam máquinas complexas movidas polo vapor; os carros e as camionetas nas grandes estradas som suplantados polos comboios nas vias férreas, tal como as pequenas escunas e faluas à vela o fôrom polos barcos a vapor. A própria agricultura caiu pouco a pouco no domínio da máquina e do vapor, os quais substituem lenta, mas inexoravelmente, os pequenos proprietários polos grandes capitalistas que cultivam com a ajuda de operários assalariados grandes superfícies de terrenos. Em todo o lado a açom independente dos indivíduos é substituída pola açom combinada, a complicaçom dos processos interdependentes. Mas, quem di açom combinada, di organizaçom; ora, é possível a organizaçom sem a autoridade?

Suponhamos que umha revoluçom social tenha destronado os capitalistas que presidem agora a produçom e a circulaçom das riquezas. Suponhamos, para nos colocarmos por completo no ponto de vista dos anti-autoritários, que a terra e os instrumentos de trabalho se tornárom a propriedade colectiva dos trabalhadores que os empregam. A autoridade terá desaparecido ou terá pura e simplesmente mudado de forma? Vejamos.

Tomemos por exemplo umha fiaçom de algodom. O algodom deve passar polo menos por seis operaçoms sucessivas antes de ser reduzido a fio, operaçoms que se fam, na sua maioria, em salas diferentes. Além disso, para manter as máquinas em movimento, é preciso um engenheiro que vigie a máquina a vapor, mecânicos para as reparaçoms quotidianas e numerosos serventes que transportem os produtos de umha sala para a outra, etc.

Todos estes operários, homens, mulheres e crianças som obrigados a começar e a acabar o seu trabalho a horas determinadas pola autoridade do vapor que nom se importa com a autonomia individual. É preciso pois, primeiramente, que os operários se entendam quanto às horas de trabalho, e que essas horas, umha vez fixadas, se tornem a regra para todos, sem nengumha excepçom. Depois, em cada umha das salas e constantemente, surgem questons de detalhe sobre o modo de produçom, sobre a distribuìçom dos materiais, etc., questons que é preciso resolver imediatamente, sob pena de ver parar toda a produçom;

quer se resolvam pela decisão de um delegado proposto por cada ramo de trabalho, ou, se possível, pelo voto da maioria, a vontade individual deve sempre subordinar-se; quer isto dizer que as questões serão resolvidas autoritariamente. O mecanismo automático de uma grande fábrica é bem mais tirânico do que alguma vez o conseguiriam ser os pequenos capitalistas que empregam os operários. Pelo menos nas horas de trabalho pode-se inscrever na porta da fábrica: *Lasciate ogni autonomia voi che entrate!*^[1]. Se, pela ciência e pelo seu gênio inventivo, o homem submeteu as forças da natureza, estas vingam-se submetendo-o, já que delas se usa, a um verdadeiro despotismo independente de qualquer organização social. Querer abolir a autoridade na grande indústria, é querer abolir a própria indústria, é destruir a fiação a vapor para voltar à roca de fiar. Tomemos, como outro exemplo, o caminho de ferro. Também aí, a cooperação de uma infinidade de indivíduos é absolutamente necessária, cooperação que deve ter lugar em horas bem precisas para que não ocorram desastres. Também aí, a primeira condição para o seu uso é uma vontade dominante que resolva todas as questões subordinadas, vontade representada quer por um único delegado, quer por um comité encarregado de executar as decisões de uma maioria de interessados.

Num ou noutro caso, há uma autoridade muito pronunciada. Mas, o que é mais: que aconteceria ao primeiro comboio que partisse se se abolisse a autoridade dos empregados do caminho de ferro sobre os senhores passageiros? Mas a necessidade da autoridade, e de uma autoridade imperiosa, não pode ser mais evidente que num navio em alto mar. Aí, no momento do perigo, a vida de todos depende da obediência instantânea e absoluta de todos à vontade de um único.

Quando avanço tais argumentos contra os mais furiosos anti-autoritários, estes não sabem o que responder: "Ah! Isso é verdade, mas o que damos aos delegados não é uma autoridade, mas sim uma missão!". Estes senhores julgam ter mudado as coisas quando só mudaram os nomes. Eis como estes profundos pensadores gozam com as pessoas.

Acabamos pois de ver que, por um lado, uma certa autoridade, atribuída não importa como, e, por outro lado, uma certa subordinação são coisas que, independentemente de toda a organização social, se impõem a nós devido às condições nas quais produzimos e fazemos circular os produtos.

Vimos, além disso, que as condições materiais de produção e da circulação se complicam inevitavelmente com o desenvolvimento da grande indústria e da grande agricultura e tendem cada vez mais a estender o campo dessa autoridade. É pois absurdo falar do princípio da autoridade como de um princípio mau em absoluto, e do princípio da autonomia como de um princípio bom em absoluto. A autoridade e a autonomia são coisas relativas cujos domínios variam nas diferentes fases da evolução social. Se os autonomistas se limitassem a dizer que a organização social do futuro restringirá a autoridade aos limites no interior dos quais as condições de produção a tornam inevitável, poderíamos entender-nos; em vez disso, permanecem cegos perante todos os factos que a tornam necessária, e levantam-se contra a palavra.

Porque é que os anti-autoritários não se limitam a erguer-se contra a autoridade política, contra o Estado? Todos os socialistas concordam em que o Estado político e com ele a autoridade política desaparecerão como consequência da próxima revolução social, ou seja, que as funções públicas perderão o seu carácter político e se transformarão em simples funções administrativas protegendo os verdadeiros interesses sociais. Mas os anti-autoritários pedem que o Estado político autoritário seja abolido de um golpe, antes mesmo que se tenham destruído as condições sociais que o fizeram nascer. Pedem que o primeiro acto da revolução social seja a abolição da autoridade. Já alguma vez vimos uma revolução, estes senhores? uma revolução é certamente a coisa mais autoritária que se pode imaginar; é o acto pelo qual uma parte da população impõe a sua vontade à outra por meio das espingardas, das baionetas e dos canhões, meios autoritários como poucos; e o partido vitorioso, se não quer ser combatido em vão,

deve manter o seu poder pelo medo que as suas armas inspiram aos reaccionários. A Comuna de Paris teria durado um dia que fosse, se não se servisse dessa autoridade do povo armado face aos burgueses? não será verdade que, pelo contrário, devemos lamentar que não se tenha servido dela suficientemente? Assim, das duas uma: ou os anti-autoritários não sabem o que dizem, e, nesse caso, só semeiam a confusão; ou, sabem-no, e, nesse caso, atraem o movimento do proletariado. Tanto num caso como noutro, servem a reacção.

Notas:

[1] Vós que aqui entras, abandonas toda a autonomia! - Dante, A Divina Comédia, O "Inferno", Canto III.. ([retornar ao texto](#))